

CLUBE DOS SABERES E A SAÚDE MENTAL

Gastão Wagner de Sousa Campos

Arthur Hippólito de Moura é um sábio; não um sabe-tudo; ao contrário, tem uma sabedoria rara de se encontrar hoje em dia: é uma daquelas pessoas que ajudam outras a parirem explicações e soluções (ainda que provisórias) para o viver, ele opera com um certo tipo especial de maiêutica pós-moderna; neste sentido, conviver com o Arthur ou lê-lo é uma escola sem fim.

Tive a sorte de ser seu orientador e seu discípulo, tudo, mais ou menos, ao mesmo tempo; uma mistura curiosa, uma pré-figuração do Clube. Primeiro, ele apoiou nosso grupo de pesquisa no Departamento de Medicina Preventiva e Social da UNICAMP, depois trabalhou como analista institucional do coletivo de dirigentes da Secretaria de Saúde de Campinas/SP; neste meio tempo, o ajudei com sua tese de doutorado.

Em que escola o autor se formou? Em inúmeras. Creio, contudo que, na realidade, o principal foi que ele passou a vida cuidando da saúde mental de gente em dificuldade e com isto, e como é aberto ao mundo, e como é um eterno aprendiz, terminou por cuidar do seu próprio desenvolvimento como ser humano. Ou seja, é um estudioso que também aprendeu muito com seus pacientes, alunos e colegas de trabalho. Além do mais, como ele é profundamente mineiro, e como é típico daquela gente, vem combinando tradição – no caso, a psicanálise, a psicoterapia institucional, etc – com o presente e o futuro – nesse caso, toda a revolução epistemológica que assistimos nos anos oitenta e noventa do século passado.

Herdeiro da tradição que pensa o sujeito no mundo (psicoterapia institucional e outras escolas afins), Arthur aplicou em “coletivos” – o ser humano em relação com outros seres e com a “ambiência” - todo este referencial teórico e toda sua sensibilidade. O livro “Psicoterapia institucional e clube dos saberes” é uma reflexão sobre a potencialidade destas misturas: análise e informática, o indivíduo e o coletivo, o singular e o plural, o estabelecido e os dispositivos terapêuticos, ambiência e protoplastia, o estruturado e o fluído, a alienação e o clube dos saberes; mas, sobretudo, o livro trata de como se valer de todos estes conceitos (e para o Arthur conceitos são ferramentas que operam) para apoiar o portador de transtorno mental em

sua travessia pelo mundo dos vivos: espaços de relação e de trabalho, onde há um fluxo louco de afetos e, portanto, também há competição e sofrimento e outras coisinhas mais...

O que é o Clube dos Saberes para o Arthur? É *“um processo de auto-produção e de produção do outro... não é somente um saber-fazer ou um saber a respeito das coisas... é a sustentação da reciprocidade, na qual, como dissemos, cada um é ao mesmo tempo ofertante e demandante de saberes”*. Com esta noção o autor consegue embaralhar papéis sem sugerir o caos. O Clube dos Saberes é um espaço em que profissionais, pacientes e comunidade se apóiam mutuamente. O efeito terapêutico é diluído para ganhar em potência, em eficácia e em durabilidade. Não se trataria de um equipamento substitutivo ou alternativo a outros, mas de um recurso adicional para a construção de saúde e de cidadania. Saúde das pessoas e das instituições. Ele trabalha com o objetivo ambicioso de despiramidalizar os saberes e os lugares institucionais clássicos sem provocar desresponsabilização e sem apagar as diferenças; pelo contrário, o Clube valoriza as diferentes potências e os distintos acúmulos das pessoas e das culturas. Como Pichon-Rivière ele aposta, que com a organização e a oferta sistemática dessa diversidade possa ocorrer mudanças no *“conjunto de experiências, conhecimentos e afetos”*.

O Clube dos Saberes é constituído por uma tríade: um certo território, um conjunto singular de atores e a construção-invenção de quase-objetos. Arthur sugere que a *Árvore do Conhecimento* poderia constituir-se em um desses quase-objetos possíveis de promoverem a liga entre as pessoas do Clube. A *Árvore* é um recurso que procura articular indivíduos e seus saberes, seja por método gráficos simples, seja por recursos da informática e da computação.

Empregar tudo isto como recurso terapêutico, como um meio para a produção de si mesmo e de um mundo em que a vida seja possível, destes temas trata o livro de Arthur. Vale a pena acompanhá-lo, vale a pena estudá-lo ou, melhor dizendo, vale a pena escutá-lo, sim, porque apesar da linguagem gráfica é como se fosse o autor estivesse proseando, contando causos, explicando o intrincado da vida com palavras compreensíveis enquanto pita um cigarrinho e beberica um cafézinho... coisa de mineiro.